

ESTUDOS LINGÜÍSTICOS

CRÍTICAS AO AURÉLIO

Antônio José Sandmann*



trato constante com a formação de palavras no português brasileiro contemporâneo tem nos levado a consultar diuturnamente o *Novo Dicionário Aurélio*, daqui para frente chamado abreviadamente *Aurélio*. Reconhecendo embora a grande realização que é o dicionário de Aurélio Buarque de Holanda Ferreira, temos algumas críticas a fazer a essa obra, sendo que essas divergências têm fundamento, possivelmente, em posturas diferentes diante do léxico da língua, a do lexicógrafo, por um lado, e a do morfológico preocupado principalmente com a estrutura e formação de palavras, por outro. Um exemplo, para ilustração: o *Aurélio* registra dois verbetes *-ada*: *-ada*¹ e *-ada*², sendo que de *-ada*² diz que é um sufixo nominal e que indica “espécime de plantas” (*labiada*), ao que nada temos a

* Universidade Federal do Paraná.

opor. Já em *-ada*¹, também sufixo nominal, temos uma série de significados ou funções: “ação” ou “resultado de ação enérgica”: *freada, unhada*; “coleção”, “multidão”: *boiada, cumeada*; “golpe”: *pedrada, facada*; “produto alimentar”: *goiabada, laranjada*; “duração”: *noitada, temporada*; “porção”: *colherada*; “marca feita com um instrumento”: *pincelada*. O que causa estranheza no trato desse verbete? Em primeiro lugar, o *Aurélio* não dá a origem, como ele faz em geral (veja-se, p.ex., *-ão*², que ele diz provir do latim *-anu*). Isso é estranho, de vez que o *Aurélio* adota o critério etimológico para o estabelecimento dos verbetes (veja-se o item 12. do *Prefácio*), sendo que a identidade de origem, não obstante a diversidade de funções ou de significados, seria um critério a justificar o trato dado. Porém, mesmo adotando o critério etimológico, é difícil tratar num mesmo verbete um elemento que faz de um verbo um substantivo (*caminhar* + *-ada* = *caminhada*) e um elemento que faz de um substantivo um outro substantivo (*canivete* + *-ada* = *canivetada*), sem esquecer que, mesmo quando o produto é um outro substantivo, a semântica é, em geral muito diversa: *goiabada*, exemplo de produto alimentar, e *boiada*, exemplo de coletivo. Críticas menores seriam que ele não registra a variante popular e de conteúdo em geral depreciativo *-arada* (*homarada, netarada, veadarada*) e quando diz que o sufixo *-ada*² expressa “ação” ele se esquece de dizer que muitas vezes essa ação é breve: (dar uma) *estudada/passeada*, além de não dar a semântica exata do sufixo *-ada* em *churrascada, cervejada* e *chopada* “reunião em que se come/bebe churrasco/cerveja/chope”.

As dimensões do presente trabalho levam-nos naturalmente a abordar apenas alguns aspectos.

COMPOSTO X GRUPO SINTÁTICO

Em SANDMANN (1990) procurou-se estabelecer critérios de distinção entre composto ou palavra composta de um lado e grupo sintático permanente ou fixo e eventual de outro. Foi dito lá, entre outras coisas, que o critério semântico é o que mais nos socorre em português para isolar ou diferenciar o composto do grupo sintático paralelo. *Copo-de-leite* “a flor” e *bóia-fria* “trabalhador rural sem vínculo empregatício”, por exemplo, são compostos – e por isso grafados com hífen – pelo critério semântico: em *copo-de-leite* temos uma metáfora e em *bóia-fria*, uma metonímia. Voltando-nos para o objetivo do presente estudo e considerando aspectos semânticos, perguntaria por que o *Aurélio* não considera compostos *peso-leve*, *peso-médio* e *peso-pesado* “categorias do boxe ou os lutadores en-

quadrados nessas categorias do boxe”, *nome-de-guerra* “nome pelo qual alguém é chamado comumente”, *dona-de-casa* “a mulher enquanto administra o lar”, *zero-à-esquerda* “pessoa sem nenhum valor”, *dia-de-semana* “dia útil” e *ovelha-negra* “pessoa de mau comportamento”? O *Aurélio* trata essas seqüências como grupos sintáticos permanentes nos verbetes, respectivamente, *peso*, *nome*, *dona*, *zero*, *dia* e *ovelha*, grafando-as, conseqüentemente, sem hífen.

Com base principalmente no critério sintático – pois não é própria da frase a seqüência de dois substantivos pertencentes ao mesmo sintagma – são considerados compostos *trem-bala*, *peixe-espada*, *peso-mosca* e *banho-maria*, p.ex., seqüências lingüísticas fixas do português que rotulam ou dão nome a entidades ou processos do nosso universo biofísicossocial. Se esse critério é válido e o próprio *Aurélio* tem como norma segui-lo, pergunto por que o dicionarista não grafa *feito-estufa* e *operação-tartaruga*, mas omite o hífen e não dá a essas seqüências tratamento de verbetes autônomos? No verbete *desvio* o *Aurélio* traz *desvio padrão*, sem hífen, o que é uma incoerência, pois no verbete *padrão* não diz que é adjetivo além de substantivo. Aliás, no jornal *Folha de São Paulo*, de 28.05.89, p.I-14, ocorre *desvio-padrão* e Miriam Lemle, em *Análise Sintática*, Ática, 1984, grafa, na capa, *modelo-padrão* e *teoria-padrão*. Nos verbetes *curta-metragem* e *longa-metragem* é dito que são abreviações, respectivamente, de *filme de longa-metragem* e *filme de curta metragem*, uma vez com hífen, outra vez sem, sendo que a grafia correta é sem hífen.

POLISSEMIA E HOMONÍMIA

Como bem observou LYONS (1981), “talvez devêssemos nos conformar com o fato de que o problema de distinguir entre homonímia e polissemia é, em princípio, insolúvel.” Mesmo assim, o lexicógrafo tem de estabelecer critérios de procedimento diante de palavras envolvidas em aspectos de polissemia e homonímia e, principalmente, agir coerentemente depois de estabelecidos os critérios. Também aqui o *Aurélio* é passível de algumas críticas. Como já foi observado no início deste estudo, o *Aurélio* abre dois verbetes *-ada*, sem justificar tal procedimento dando a etimologia, possivelmente diversa, de ambos. No caso de *-ão*, há três verbetes: *-ão*¹, de que não é dada a origem, *-ão*², de que é dito que vem do lat. *-anu*, e *-ão*³, de que é dito que é sufixo vernáculo, o que é questionável, porque dá a entender que se formou dentro do português, sem ligação com o latim, sendo que o próprio *Aurélio* diz que *-ão*³ é equi-

valente a *-ção* (do lat. *-tione*) e *-(s) são* (do lat. *(s) sione*). Para os substantivos terminados em *-vel* ele registra a forma *-ável*, esquecendo-se de que há os em *-ável* (*provável*), os em *-ível* (*inesquecível*) e *-ével* (*indelével*). O fato de seguir apenas o critério etimológico ou da origem tem, no *Aurélio*, conseqüências como as seguintes: palavras de outra classe gramatical, *poder* “verbo” e *poder* “substantivo”, mas da mesma origem, e palavras de outra semântica apesar da mesma origem, *segundo* “numeral ordinal” e *segundo* “unidade de tempo”, p.ex., são tratadas no mesmo verbete. Pergunta-se: será que esse critério é suficiente? Não seria melhor invocar um segundo, o formal ou sintático, sendo que *poder* “verbo” e *poder* “substantivo” dariam *poder*¹ e *poder*² e *segundo*¹, numeral ordinal, e *segundo*² “medida de tempo”, substantivo, seriam verbetes distintos, ao lado de *segundo*³ “conforme”, preposição, e até um terceiro critério, o semântico, segundo o qual teríamos *cálculo*¹ “operação aritmética” e *cálculo*² “concreção em vísceras”?

Outra situação em que falta clareza é no trato de *-ão*¹, *-ão*² e *-ão*³. Só para citar um exemplo, não há nesses verbetes o trato do *-ão* de agentivos derivados de verbos como *chorão*, *respondão* e *resmungão*, sendo que nos verbetes *respondão* e *resmungão* é dito que eles contêm o sufixo *-ão*³, próprio de nomes de ação formados a partir de verbos: *escorregão*, *puxão*, e no verbete *chorão* nada é dito sobre sua estrutura.

O QUE DICIONARIZAR?

Referindo-se ao fato de que no dicionário de Walker os advérbios em *-ly*, do inglês, ocupam 34 páginas, diz ARONOFF (36s.): *We feel somehow that it is superfluous*. Cremos que a impressão de superfluidade também nos vem diante de muitos registros com o prefixo *re-*, do *Aurélio*: por que registrar, p.ex., *refinanciar* e *reinvestir*, em que *re-* significa simplesmente “de novo”, formações, portanto, inteiramente transparentes? Com o prefixo *recém-* o *Aurélio* registra poucos verbetes, mesmo assim em sua maioria dispensáveis. No caso de *ex-*, na função de indicar “situação, posição ou cargo anterior”, o *Aurélio* só registra esse verbete (ver *e*²) com exemplos, e nenhum verbete mais, o que é correto, pois essas formações (*ex-professor*, *ex-aluno*) são inteiramente transparentes. Não vamos entender nossas considerações sobre formações com outros prefixos (*in-* negativo e *des-*, entre outros) ou sobre formações com sufixos porque não o permitem as dimensões deste trabalho, mas fica o leitor alertado para o que um lexicógrafo deve registrar e para o que ele

pode perfeitamente dispensar, por mais completa ou exaustiva que sua obra ambicione ser. Esse fato está naturalmente ligado a fatores de produtividade e transparência. Não se espera, p.ex., que o *Aurélio* registre *garfão* e *garfinho*, e ele realmente não o faz, mas espera-se que ele registre *facão*, e ele o faz, não dizendo, no entanto, simplesmente que é o aumentativo de *faca*, pois *facão* é lexicalizado também, sendo que, se não o fosse, não poderíamos ter *facãozão* e *facãozinho*.

DIACRONIA E SINCRONIA

Objetiva-se nesta seção mostrar que o *Aurélio* não tem sempre uma linha coerente no assinalamento de aspectos da origem, aspecto diacrônico, e da estrutura, aspecto sincrônico, dos verbetes. Em *passável*, p.ex., é dada apenas a estrutura (*passar* + *ável*), em *amável* é dada a origem (do lat. *amabile*), mas não é dada a estrutura e em *louvável* não há nem a origem, nem a estrutura. Ao lado disso registra *trafegável* sem apresentar origem e estrutura e em *intrafegável* apresenta apenas a estrutura (*in-* + *trafegar* + *-vel*), uma derivação parassintética, portanto, sem relacioná-lo com *trafegável*, o que é, aliás, defensável, pois muitos adjetivos com o sufixo *-vel* são mais freqüentes com o prefixo simultâneo negativo *in-* do que sem esse prefixo: *insubstituível*, *inadmissível*, *inolvidável*, etc.

Em *permissibilidade* o *Aurélio* não dá nem origem, nem estrutura e em *admissibilidade* dá a estrutura, misturando aspectos diacrônicos com sincrônicos (do lat. *admissibile* + *-i* + *-dade*), com um erro, aliás, pois a forma do sufixo é *-idade*, sendo a forma *-dade* (de *bondade*, p.ex.) a exceção e hoje improdutiva. Por outro lado, em *admissível* não encontramos nem estrutura, nem origem, ao passo que em *permissível*, preocupado em relacionar essa forma com *permitir*, o *Aurélio* diz o seguinte: “do lat. *permissu*, *part.pass.* de *permittere*, ‘permitir’, + *ível*.”

De *repatriar* nosso lexicógrafo diz apenas que procede do lat. *repatriare* e em *expatriar* é dada somente a estrutura: *ex-* + *pátria* + *-ar*, formação parassintética. Finalmente, de *fomentar* e *fomentação* é dito que procedem dos latinos *fomentare* e *fomentatione*, não sendo dada a estrutura de *fomentação*, e de *fomento*, “ato ou efeito de fomentar, fomentação”, não é dito que é deverbal de *fomentar*, como o *Aurélio* sói fazer nesses casos de derivação regressiva, mas é dada uma etimologia esdrúxula e sem nenhum nexos com a semântica apresentada: “*sing.* do lat. *fomenta*, *orum*, ‘gravetos’”.

LACUNAS

A título de ilustração alguns exemplos de falhas ou omissões registradas no *Aurélio*. Não há distinção entre *-tório*¹, sufixo formador de substantivos a partir de verbos e que significa “lugar onde. . .” (*purgatório*, *dormitório*), sinônimo de *-douro*¹ (*vertedouro*, *ancoradouro*), e *-tório*², sufixo formador de adjetivos dinâmicos a partir de verbos (*inibitório*, *discriminatório*), formações que o *Aurélio* registra mas sem lhes indicar a estrutura. O sufixo *-tório* é, aliás, ainda produtivo, sendo que recentemente registramos *indenizatório* e *celebratório* (jornal *Folha de São Paulo*, de 25.08.90, p.B-2 e 11.09.90, p.A-2). Os sufixos *-imo* (*humílimo*), *-érrimo* (*celebérrimo*) e *-ésimo* (*enésimo*), os dois últimos hoje produtivos em formações da variante informal da língua (*cafonérrimo*, *chiquéssimo*), não encontram registro em verbetes independentes como o *Aurélio* sói fazer com os prefixos e sufixos. Também não encontramos o sufixo *-anca* (*potranca*, *carranca*). No verbete *-mente*, finalmente, só é dada a semântica “maneira”, “modo”, sendo esquecidas formações como *antigamente*, *modernamente* e o *finalmente* empregado no início deste período.

ERROS

Finalmente alguns casos em que não temos simplesmente lacunas ou questões de critérios discutíveis ou insuficientes. Trata-se de erros mesmo. *Devassa* e *baixa*, p.ex., enquanto substantivos que significam “ato de devassar/baixar”, são substantivos deverbais, chamados também derivações regressivas, e não são o feminino de *devasso/baixo* como quer o *Aurélio*. *Mergulhão* “pato que mergulha” não pode ser considerado aumentativo de *mergulho*, porém agentivo formado de *mergulhar* + *-ão*, como temos em *chorão*, *resmungão*, etc. O português conhece hoje um modelo de formação de substantivos/adjetivos em *-ável* cuja base é um substantivo e não um verbo: *presidenciável*, *reitorável*. Causa, pois, estranheza ler no *Aurélio* que *ministeriável* vem “de um *ministério* + *-ável*”. Nosso dicionário em análise traz um verbete *radiogravador*, um composto copulativo, que devia ser grafado *rádio-gravador*, como é grafado *auto-escola*, pois como neste exemplo, *rádio* não é o elemento de composição, radical preso *radio-*, porém a forma abreviada de *radiofonia*, como o próprio *Aurélio* admite. Achamos, por último, pouco técnica a definição de *prefixo*, enquanto morfema que entra na formação de palavras: “Sílabas(s) que antecede(m) a raiz de uma pala-

vra. . .". Ora, prefixos são morfemas, unidades lexicais, em geral portadoras de significado, enquanto sílabas são unidades rítmicas, unidades fonéticas, têm a ver com aspectos articulatório-auditivos, sendo que não se pode definir aqueles por estas.

RESUMO

No trato diuturno com a formação de palavras novas no português brasileiro contemporâneo as consultas ao Novo Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa têm sido uma constante. Pois bem, esse folhear constante do Aurélio nos tem levado à descoberta de numerosas lacunas ou falhas e de falta de sistematicidade, como, por exemplo de passável dar a estrutura (passar + -ável), de amável dar só a origem latina (amabile) e de analisável não dar nem a origem nem a estrutura.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- 1 ARONOFF, M. *Word Formation in Generative Grammar*. Cambridge, Mass. : MIT Press, 1976.
- 2 LYONS, J. *Language and Linguistics – an Introduction*. Cambridge : University Press, 1981.
- 3 SANDMANN, A.J. *Formação de Palavras no Português Brasileiro Contemporâneo*. Curitiba : Scientia et Labor, 1989.
- 4 _____. O que é um Composto. *D.E.L.T.A.* v.6, n.1, p.1-18, 1990.
- 5 _____. Polissemia e Homonímia. In: NEVES, M.H. de M. *Descrição do Português*. SÉRIENCONTROS (1-12). 1990.